





Heitor de Moraes

**UMA
SINFONIA
PARA
CEZANNE**

Romance

UMA SINFONIA PARA CEZANNE

© 2024 para: Heitor de Moraes
Título: Uma Sinfonia para Cezanne
Autor: Heitor de Moraes
1ª edição

Todos os direitos reservados para Heitor de Moraes
e Matéria Livre Editora - Curitiba, PR

Uma Sinfonia para Cezanne
Publicação: Clube de Autores - São Paulo, SP
Revisão: Aresta Textos
Diagramação e capa: Nery Morell

Para meus pais, Wilfrido e Amália,
uma história de amor pela música.

SINFONIA

Peça musical de gênero especial
dividida em duas, três ou quatro partes
e escrita para orquestra.

Fonte: Dicionário Michaelis

PARTE UM

Um pianista famoso



1

William Prochmann

William Prochmann é um grande pianista. Famoso no seu país como no exterior. Mantinha residência onde a guerra não havia chegado, e corria o mundo vivendo a vida de um artista aventureiro, sempre em busca de alguma coisa ou de alguém que pudesse prendê-lo ao chão.

– Eu me lembro da moça que me levava para as aulas de piano. Na verdade, foi a sua dedicação que me convenceu a trocar as brincadeiras com os amiguinhos pelo piano. Meus pais não se importavam muito. Por eles, eu não teria estudado música. Achavam que eu era muito criança ainda. Mas aquela moça sentia que eu tinha talento e deixou de aproveitar parte de sua juventude para me acompanhar.

A Segunda Guerra Mundial havia terminado, ele retornara a se apresentar nos palcos e estava de caso amoroso novo. Conhecera a moça quando se reuniu com uns amigos que a levaram como companhia de um deles para que ninguém ficasse sem par. William encontrou-os após sua apresentação e, em meia hora de conversa, seu amigo sentiu que perdera a moça para o pianista.

No segundo encontro deles, William contava a história que já havia repetido para muitas outras moças. A história de sua iniciação ao piano e ao amor. Ele fazia desta história a iniciação à próxima conquista, e quase sempre dava certo. Sabia que as pessoas gostavam de ouvir sobre a vida dos artistas. Os motivos que os levaram a escolher aquela vida. Era um bom início de conversa. William dramatizava um pouco e enfatizava a participação da moça que dizia ser a responsável pelos seus estudos. Sem ela, afirmava sempre, ele não teria estudado música. A técnica funcionava. Com um pouco de charme e a ajuda de locais e situações criadas por ele, elas acabavam se entregando. Esta moça era uma delas.

– A princípio, eu não queria. – prosseguia William – Era natural. Além do mais, havia um namorado da professora que se encontrava com ela bem nos meus horários. Enquanto a minha acompanhante não estava por perto, ele e a professora ficavam se agarrando atrás de mim e eu via tudo por um espelho que ficava numa parede próxima ao piano. Por isso, eu não acertava os exercícios e só recebia censuras... Mas era tudo muito fácil.

– Acho que a moça gostava muito de mim. Ela devia ter uns dezesseis anos naquela ocasião. Fomos crescendo juntos. Eu, com sete ou oito anos, já me exibia nas festinhas e todos diziam que eu seria um grande pianista. Acreditei nisso e a moça também. Mais tarde, troquei de professor. Levaram-me a um velhote que prestava mais atenção na moça quando ela estava por perto do que nos meus exercícios. Mas ele era muito bom.

– Portanto, você pode perceber que eu não tive amigos como as outras crianças da minha idade nem namoradinhas. Quem era minha constante companheira era a moça. Hoje eu acho que foi ela quem me ensinou a arte do amor. Lembro-me, vagamente, que ela me beijou uma vez. Eu já era mais... crescidinho. Talvez, só não tenha sido a minha primeira experiência sexual porque ela teve medo. Foi ela quem sugeriu que eu devia sair dali para um conservatório. Eu já era bom e todos podiam ver isso. Meus pais relutaram um pouco, mas acabaram concordando. A satisfação de terem um filho concertista deve ter influenciado os velhos. Acabei ganhando uma bolsa de estudos que ajudou na decisão também.

– Fui para um conservatório longe de casa. Estudei no Hoch Conservatory, em Frankfurt. No primeiro ano, tudo bem. Todos os meses iam me visitar. Às vezes, a moça ia também. Quando deixei o país para um lugar

onde me aprimoraria mais, meus pais foram comigo para providenciar tudo. Desta vez no Conservatório de Música de Genebra. A moça não foi desta vez e, desde então, eu nunca mais a vi. Como a música era a minha própria vida, não dei muita importância ao fato de que eles ficariam longe de mim. Eu só os vi mais uma vez. Eles morreram meses depois... num incêndio.

– Eu me entreguei mais ainda à música. E foi isso que aconteceu. Você está na companhia de um compositor um pouco frustrado, um pianista que conhece o sucesso e um... “boa vida”.

Como compositor não fazia muito sucesso. Algumas obras e alguns ensaios não lhe deram a mesma projeção como quando tocava em concertos. Gravou alguns discos com orquestras famosas, outros sozinho, e apareceu outras vezes em programas de rádio. Suas aparições em concertos eram o seu maior sucesso.

William Prochmann, na verdade, não era apenas um apaixonado pela música ou pelas suas aventuras. Ele gostava do que considerava belo. Um rosto de mulher que atraiu sua atenção já o fizera parar de tocar em pleno recital. Pediu desculpas instantes depois e explicou, gentilmente, que uma linda mulher que estava na plateia fizera com que ele esquecesse a música. Alguns riram, outros talvez não gostaram. Logo depois, ele recomeçou a tocar e no final compensou a todos com dois números extras. Portanto, a beleza deixava o pianista sem controles próprios. Fosse um rosto de mulher, ou uma música, fosse um quadro ou apenas um instante criado pela natureza.

Quando tocava, William se transportava para outro mundo, diziam alguns críticos. Na verdade, ele se transportava para a beleza que tanto procurava. Para a perfeição que buscava em tudo e que encontrava na música. Tentava compor, como dizia, mas não conseguia criar o que considerava a mais bela música que já ouviria. Por isso, não tinha alcançado o sucesso com suas composições. Executava muito bem porque os grandes mestres haviam conseguido chegar à perfeição, afirmava, mas ele não. E parecia que isso era mesmo verdade porque o que ele tocava era realmente o que de mais belo havia sido composto. Seu repertório era lindíssimo e muito bem escolhido. Ele vivia para a música, mas buscava algo mais que pudesse ser perfeito também.

William tinha cabelos escuros, com alguns fios precocemente brancos, e mantinha um penteado um pouco fora da moda. Era alto, tinha um bom físico, e o que mais chamava a atenção das pessoas era o seu sorriso. Cativante e sincero.

Quem sabe, neste sorriso – que ele sabia usar muito bem – estava toda a força de seu poder em conquistar as mulheres. Diziam alguns colunistas sociais que William conquistava através da música quando tocava e com seu sorriso quando estava longe do piano. Em seus concertos ele atraía um número muito grande de mulheres que pareciam se transportar para suas mãos enquanto ele acariciava as teclas do piano.

Por pouco, William não se casou. Chegou a ficar noivo, mas o romance não teve o final desejado pela moça. Ele sentiu que não chegara a hora e ela ainda era muito jovem, e não conseguiria viver a vida dele. Alegou que a carreira que escolhera exigia que sua companheira entendesse que, em primeiro lugar, em sua vida, estava a música, depois o amor por quem quer que fosse a escolhida.

Sua insistência em procurar a mulher perfeita, já dizia um amigo, tinha se tornado uma obsessão. A mulher ideal não existe, insistia o amigo, e os anos não parariam para ele até que ela surgisse.

Mas William nunca estava só. Quando não tinha a companhia de quem havia conquistado, tinha a música, e sentia-se feliz assim. Apenas se atormentava quando tentava compor a música que começara e não conseguira terminar, mas que considerava a sua dose de perfeição que deixaria para a humanidade.

– Assim, você já sabe como tudo começou. Eu comecei a viver quando me colocaram defronte a um piano. Aprendi rapidamente a trocar as brincadeiras pelos exercícios. Com a moça que me levava às aulas, aprendi o amor. Hoje vivo com a música e alguns romances, como este que pretendo ter com você. Não posso te prometer por quanto tempo será, mas posso te garantir que tocarei só para você, mesmo que exista uma plateia, enquanto durar o nosso concerto.

Não era pretensão de William ou confiança demais em sua capacidade de conquistar as mulheres, ou aquela moça naquela ocasião. Ele já sentira que ela estava prestes a se entregar e esta percepção é normal nos artistas. E William era um artista nato. Portanto, como de costume, ele tocou só para ela e ela cedeu até que ele deixasse aquele lugar.

2

Os Gottieb

A Indústria Têxtil C. Gottieb não tinha capital estrangeiro. Não precisava de instituições do governo ou apoio financeiro de bancos para sobreviver. Durante toda a sua existência, seu diretor-presidente não deixou, um dia sequer, de ter conhecimento de tudo que acontecia dentro da fábrica, dentro de seus escritórios ou junto com seus representantes espalhados pelo país. Enfrentava situações difíceis, quando complicadas manobras financeiras por parte do governo ou de seus concorrentes, o obrigavam a mudar-se, praticamente, para dentro de seu quartel-general. Mas saía-se bem. Chegara a tirar proveito da guerra e, quando ela acabou, sua indústria voltou a fabricar o que se propunha.

A família compreendia todo o seu esforço e lhe dava todo o apoio possível. Sua esposa era uma mulher bonita que sabia manter a forma com aulas de ginástica e tudo o mais que lhe era permitido. Como herdeiro, só havia uma filha que, discretamente, tentava conduzir para o seu lugar na indústria, no devido tempo.

Os Gottieb mantinham intensa vida social. Estavam presentes aos grandes acontecimentos artísticos da cidade e do país. Constantemente, viajavam às outras capitais para assistirem a peças teatrais, óperas e concertos. A filha tentou o balé, mas não levou muito a sério. Ela gostava mesmo era de praticar equitação. Adorava os cavalos e dizia que eles a mantinham em forma. Ela atingia seus vinte anos em toda a plenitude do que pode ser chamada de uma beleza feminina muito rara. Não precisava de recursos como produtos de beleza para destacar sua formosura. A filha de Cleyton Gottieb era linda por natureza.

Numa tentativa de expandir seus negócios, o presidente da indústria lançava no mercado uma nova linha de produtos que exigiram um investimento grande. Toalhas de mesa/cortinas/cobertura para estofados, fazendo jogos combinados, numa vasta linha de modelos, tipos e padrões. Tudo com a vantagem de a dona de casa poder trocar as peças sozinha e com muita facilidade.

Completando o lançamento, Cleyton punha à venda um líquido incolor que, uma vez passado no tecido, tornava-o impermeável e livre do perigo de manchas que exigiam lavagem total da peça. O tecido não perdia com isso e mantinha a aparência de novo. Uma grande verba foi aplicada em publicidade e

rapidamente o sucesso chegava despejando muito dinheiro na indústria de Cleyton.

Tudo isso exigiu dele mais atenção. Afastava-se da família, e as viagens contínuas eram feitas com assessores e não mais com a esposa, como era costume. Ela e a filha sentiam isso, mas suportavam sem qualquer comentário. O impulso dado à indústria valia o sacrifício. Logo, ele estaria de volta à normalidade e eles recuperariam o tempo perdido. Mas o impacto do lançamento passou e a euforia com o resultado das vendas diminuía sem que percebessem isso imediatamente. Cleyton adia suas férias para estar mais junto do mercado, que dava sinais de que os produtos não serviam para o que se propunham e as pessoas ainda tentavam se recompor dos efeitos da guerra.

A fábrica ficava em Calais, França, onde os Gottieb também moravam. Calais tinha um porto muito importante e um aeroporto, o que fazia com que os produtos da C. Gottieb pudessem ser deslocados com rapidez às outras cidades da França e de toda a Europa. A cidade sofrera muito com a guerra, mas se recuperara rapidamente.

3

Katharina

Passando por uma das cidades onde a Indústria C. Gottlieb fazia uma promoção junto aos seus representantes, Cleyton conheceu Katharina, que fora contratada para liderar as equipes de demonstradoras dos novos produtos. Ela nascera no interior da Alemanha e estava na França há uns cinco anos.

Numa das qualificações físicas que fazemos das mulheres, encontramos dois tipos: aquelas que, vestidas, parecem que têm pouco a mostrar. Talvez muito magras para a altura, talvez sem cintura ou pouco busto por debaixo das roupas. E também aquelas muito bem distribuídas quando vestidas, com as gordurinhas bem escondidas e as roupas moldando os lugares certos. As primeiras enganam totalmente quando despidas. A roupa esconde detalhes, curvas bem colocadas e volumes ideais para muitos. As segundas decepcionam quando tiram as roupas. O corpo não parece o mesmo.

Katharina era uma mulher do primeiro tipo. Ninguém, pouco observador, era capaz de apostar que, por baixo das roupas, – sempre de boa qualidade – ela escondia formas quase perfeitas para uma mulher casada, sem filhos e chegando perto dos vinte e sete anos. Não pretendia atrair com o que vestia, apesar de estar sempre elegante. Talvez porque já havia conquistado o homem da sua vida e se desiludira. Agora não tinha mais interesse em qualquer outra conquista.

Ela já passara por diversos empregos que exigiram muito de sua força de vontade e inteligência. Situava-se como perita em organizar grupos de moças para demonstrações de produtos e participações em feiras e promoções. Era um mercado em crescimento. Embora parecendo bem casada, a situação de seu relacionamento com o marido – espanhol –, fez com que ela se empenhasse no trabalho e conquistasse uma independência financeira. Porque não puderam ter filhos, eles foram se afastando a cada briga que acontecia, normalmente por ciúmes da parte dele. Nada mais dava razão à Katharina para continuar sua vida conjugal, além de um respeito mútuo e das lembranças de que um dia haviam sido felizes.

– Eu sei que o senhor gosta de música, doutor Cleyton. Eu conheci um

menino que tinha muito talento e hoje sei que, graças à minha insistência, ele se tornou um artista famoso. Ele é um grande pianista.

Os dois conversavam após o jantar num restaurante próximo ao hotel onde ele estava hospedado.

– Ele não queria estudar... Coitadinho. – continuava ela – Ficava sem as brincadeiras com os amiguinhos por causa das aulas de piano. A sua mãe não se importava se fosse ou não às aulas, mas eu percebi que ele tinha talento e vivia um dilema. Queria brincar e aprender música ao mesmo tempo. Eu insisti e passei a ser a sua amiguinha. Às vezes, penso: como tive aquele palpite de que ele venceria? Eu era jovem e sem muito preparo...

Katharina fez uma pausa, tomou um gole de café numa xícara de porcelana muito fina e delicada, e continuou.

– O senhor já deve ter ouvido falar dele ou já o ouviu tocar. Hoje ele é muito conhecido. E eu me orgulho do que fiz por ele. O senhor deve ir a um concerto dele. Não perca a oportunidade. Ele era um menino prodígio.

– Quem é ele? – perguntou Cleyton, que sentia um prazer diferente ouvindo Katharina falar.

– William Prochmann. Eu o considero o maior do mundo. Eu o queria como um irmão. Não. Acho que eu estava apaixonada por ele. Minha dedicação, acompanhando-o nas aulas, fizera com que eu também não tivesse muito tempo para a minha juventude. Quem sabe, buscava nele o namorado que demorei a ter, apesar de ser um pouco mais velha.

– Já o ouvi pelo rádio – continuou ela – e o estranho é que eu nunca pude ir a um recital dele. É interessante. Sempre que ele está por perto, acontece algo e eu não posso ir vê-lo. Parece que alguma coisa me impede. Eu não o vejo desde que ele foi estudar no exterior. Que ironia... Eu gostava tanto dele, e o que eu fiz foi justamente uma coisa que o levou para longe de mim e de seus pais.

Cleyton olhava os olhos de Katharina ficarem úmidos com uma lágrima que queria escapar. Não dizia nada.

– Eu morei muito tempo com os pais dele. Desde que ele tinha uns quatro anos. A mãe, dona Lilian, era muito amiga da minha mãe e, quando ela e meu pai faleceram num bombardeio, a dona Lilian me acolheu em troca de serviços na casa, ou mesmo para cuidar de seu filho. Nunca conheci ninguém com um coração tão bondoso como aquela mulher. Vivi, quem sabe, os melhores anos da minha vida com aquela família. Até que o menino foi estudar em outra cidade. Então, eu conheci um rapaz e fiquei noiva. Deixei aquela casa para me casar. Não fui muito justa com eles. Ela me preveniu antes. Parecia que estava certa a respeito do meu noivo.

Cleyton, com um gesto, pedira a conta e depois que pagou, os dois saíram do lugar e foram caminhando em direção ao hotel. A noite estava com uma temperatura agradável e parecia que ajudava Katharina a contar sobre sua vida.

– Eu era mocinha e, sem o menino, senti que precisava viver a minha vida. Com eles estava bom, mas eu não podia ficar a minha vida inteira ali. Quando apareceu o primeiro namorado, eu achei que tinha chegado a hora. E, como sempre existe um “mas”, o meu caso não foi diferente. O meu namorado quis ficar noivo porque ia ser transferido. Ele era militar. Um oficial do exército alemão. Mas não quis casar logo. Disse que eu devia ir com ele e morar com um casal de amigos até que a guerra terminasse. Daí, casaríamos. Porém, o que ele queria mesmo era se aproveitar de mim. Nos primeiros meses, tudo bem. Depois, o senhor pode imaginar. Ele... ele conseguiu o que queria e se cansou, eu acho. Então, desmanchamos tudo. Ele foi transferido e não o vi mais.

– Você não voltou para a casa onde morava? – perguntou Cleyton.

– Eu não tive coragem de voltar. Vontade eu tinha, pois queria muito bem a dona Lilian e seu marido, mas tive vergonha. Mudei para um lugar mais longe ainda. Até que apareceu o Garcia, e casei com ele. É um advogado. É estrangeiro. Não temos filhos por culpa minha... – ela fez uma pausa como se procurasse uma ordem no que contava.

– Um dia, eu encontrei uma moça que era muito amiga da família do pianista com quem eu morei, e ela me reconheceu. Eu já estava casada. Ela não sabia com quem. Pensou que meu marido fosse o militar. Ninguém sabia que eu havia desfeito tudo. Disse que a família ficou muito sentida com a ausência de notícias minhas e que nem convite para o casamento com o militar eu mandei a eles. Ela me contou que eles morreram tragicamente. O menino nunca voltou... Hoje, ele não vai me reconhecer.

– O casamento foi bom enquanto durou. Nós nos respeitamos, nos usamos e vivemos à espera da próxima briga. Não sei por que tudo está terminando. Não me pergunte. Quem sabe um dia eu me pergunte. Talvez, quando ele descobrir o porquê também.

Katharina parou de contar sobre sua vida quando eles chegaram ao hotel. Olhou para Cleyton e disse que era melhor ela subir sozinha. Cleyton entendeu, porque via nela uma mulher frágil naquele momento. Disse que ainda tomaria um *drink* no bar e desejou-lhe boa noite. No dia seguinte, eles deveriam seguir para outra cidade.

William Prochmann vai tocar na cidade para onde Cleyton e Katharina seguiram dias depois. Eles passaram alguns dias acertando detalhes com representantes daquela área. Ela foi para ficar durante o período da promoção em pontos de vendas, dando apoio aos próprios representantes. Ele tentava corrigir alguns erros que aconteceram quando do lançamento dos produtos.

Pelo interfone do hotel onde estavam, Cleyton falou com Katharina. Contou que tinha uma surpresa para ela naquela noite. Coisa que ela jamais imaginaria e que iria ficar contente em ver. Katharina foi tomada por uma emoção que começava a crescer descontroladamente dentro de si, como se ela própria já soubesse o que era. Cleyton manteve a expectativa até após o jantar, e fez questão que ela o acompanhasse. Durante a refeição, ela insistiu um pouco. Foi até infantil, o que deixou Cleyton contente com aquele comportamento. Ela fazia gestos, coisas que ele não estava acostumado a ver e a sentir. Veio a sobremesa e também a hora em que Cleyton diria a ela aonde iriam.

Mais uma vez, ele fez suspense. Pediu a ela que tentasse acertar. Ela sorriu e não arriscou nenhum palpite. Perguntou-lhe, em seguida, o que ela gostaria de fazer numa noite calma como aquela. Outra vez ela não disse nada, limitando-se a fazer um gesto gracioso com a cabeça. Ele insistiu e ela balbuciou qualquer coisa e ficou sem jeito quando falou um pouco séria, sobre a possibilidade de um pensamento malicioso por parte de Cleyton, o que o fez rir. Finalmente, ele a levou até a entrada do hotel, onde apanharam um táxi. Ele ordenou que fossem ao teatro.

Katharina tremia sem poder esconder sua aflição. Pediu, por favor, para que ele contasse onde estavam indo e o que iriam ver. Ele ficou mais sério e lhe disse que o que ouvira dela durante as últimas viagens que fizeram juntos o

comovera muito, e naquela manhã quando lia os jornais, parou num anúncio sobre um espetáculo que aconteceria naquela noite, e lembrou-se do que ela havia lhe contado. Comprou as entradas sem consultá-la para, justamente, lhe fazer uma surpresa.

Ela prendeu a respiração como se adivinhasse tudo. Um enorme cartaz na frente do teatro revelou-lhe a surpresa e Cleyton olhou no fundo de seus olhos, e viu brotarem duas lágrimas. Sem precisar dizer nada, ele apenas afirmou com a cabeça e esperou o que tanto queria que acontecesse: um abraço dela. Ela quase o abraçou. Com uma das mãos interrompeu a lágrima que se desprendera de seu olho e engoliu a emoção.

William interpretaria Chopin a poucos metros de Katharina. No programa, dois Noturnos, alguns Estudos, a Berceuse, uma das Polonaises e, fechando o recital, a Fantasia-Improvisado em Dó Sustenido Menor, Opus 66. Para Katharina, talvez, era noite mais linda e mais feliz que já vivera.

Ele tocava magistralmente, concentrado e lindo – como dizia Katharina a Cleyton logo no início. O teatro estava cheio e, a cada final da música de Chopin que William tocava, a plateia aplaudia demoradamente. Cleyton sentia a emoção de Katharina a tomar conta dele também. Parecia ouvir seu coração bater mais alto do que a música que vinha do piano daquele jovem artista.

“A Fantasia-Improvisado foi encontrada entre os manuscritos de Chopin após a sua morte. Acredita-se que ele a compôs por volta de 1835, mas não se tem certeza disso. Chopin não gostava e sentiu certo desprezo pela obra. Dizia aos amigos, a quem pediu que jamais a publicassem, que a obra tinha detalhes parecidos com um Estudo de Ignaz Moscheles. Ele não queria passar por plagiador. Mas quando ela foi encontrada e a executaram, todos ignoraram o fato e o pedido do compositor. O mundo inteiro a aplaudiu”.

Katharina chorou. Parecia lembrar de todo o passado com o menino que não queria ir às aulas de piano. Sentia-o tocando os exercícios durante todas as tardes. Sabia que a música o fazia esquecer dos brinquedos e dos amiguinhos. Via aquela mãozinha frágil tocando com facilidade as teclas do piano. Percebia que a música parecia brotar de seus dedinhos e que jamais os deixaria. Tinha certeza de que William passaria a vida tocando. Havia amado aquele menino-pianista. E amava o homem-concertista naquele instante também. Sua música já a envolvera num turbilhão de sonhos, lembranças, amor e paixão. Katharina

queria amar naquele instante quem sempre desejou em toda a vida. Cleyton sentiu-se emocionado também, e quase chorou com ela.

William, mais uma vez, foi muito aplaudido. De pé, Katharina batia palmas completamente fora de si, e, num instante muito rápido, ela percebeu que os olhos dele pararam um pouquinho nos dela, enquanto agradecia aos aplausos. Depois, ele bisou um trecho da Fantasia e, após nova ovação, retirou-se do palco.

Cleyton perguntou a Katharina se ela gostaria de ir até o camarim para vê-lo. Ela quase disse que sim, sem pensar. Refletiu rapidamente e respondeu que não. William não a reconheceria e isso seria um desapontamento muito dolorido para ela. Cleyton imaginou isso e entendeu seu desejo. Ficaram alguns minutos sentados olhando o palco vazio como a vida que existia dentro de Katharina. Como na primeira vez, ele se fora sem dizer adeus a ela. Katharina queria deixar tudo na lembrança como sempre ficara.

Ambos voltaram ao hotel sem quase trocar nenhuma palavra. A emoção tinha sido forte demais. Katharina precisava se recompor. Cleyton a convidou para irem ao bar do hotel e ela aceitou. Sentia-se imensamente agradecida àquele homem que havia proporcionado a maior emoção de sua vida – a de voltar a ver William tocar.

Naquela noite, Cleyton insinuou que a desejava. Katharina aceitou seu convite para dormir em seu apartamento e também o amor que ele dizia ter nascido dentro dele, por ela. Procurou um refúgio junto a Cleyton e sentiu-se feliz.

William não tocou mais naquela cidade. Foi embora e Katharina não o encontrou. Mais alguns dias além do previsto, e Cleyton a deixou com a sua função. Porém, agora eram novas pessoas que se descobriram ouvindo William tocar Chopin. Principalmente a Fantasia-Improviso para piano, Opus 66.

4

Cezanne

A beleza da filha de Cleyton perturbava aqueles que tentavam cortejá-la. Os muitos admiradores que tinha faziam de tudo para manter, por um pouco mais de tempo, os breves namoros. Não que Cezanne esnobasse e fizesse pouco caso de qualquer um deles. Não. Sua beleza era interior também. Cezanne era sincera e irradiava muita simpatia, o que a tornava mais bela ainda. Levava a sério o que sentia e sabia que não tinha encontrado o romance que o destino preparava para ela. Estudava administração, praticava equitação, saía com amigos e amigas, ia às festas, aos cinemas e ao teatro. Aproveitava a juventude intensamente. Procurava não iludir aqueles que se diziam apaixonados por ela e os mantinha a uma distância que não ferisse ninguém.

Seu pai voltava da viagem, que Cezanne e sua mãe consideraram a mais longa ausência desde que os novos lançamentos foram feitos. Ele pedia mais um pouco de paciência, porém, havia dentro de si uma grande dúvida. Até quando resistiria ficar longe de Katharina? Até quando conseguiria iludir sua família sobre o fato de haver se apaixonado, no fim da vida?

Uma semana depois, Cezanne pediu ao pai para comprar as entradas para um concerto de um pianista que há muito desejava ver tocar. Ele estaria na cidade dentro de poucos dias e ela queria ficar num lugar bem próximo ao palco.

– Dizem que ele emociona quando toca. – afirmava Cezanne a seu pai.

Cleyton sabia o quanto. Providenciou os ingressos e ele, sua esposa e Cezanne foram ao concerto. William se apresentaria no Teatro Municipal de Calais, na avenida Place Albert.

No programa, Rhapsody in Blue, de George Gershwin. Era a primeira vez que Cezanne via William e, como todos, se emocionou. Para Cleyton, o espetáculo foi um desastre total. Somente lembranças de Katharina vieram à sua mente. Sentia saudades e queria que ela estivesse ali, ao seu lado. Chegou a ficar inquieto e atraiu a atenção de Mirna. Mais tarde, ela perguntaria o que tinha acontecido, pois Cleyton parecia nervoso no teatro. Ele disse serem os negócios que passaram pela sua cabeça enquanto ouvia a música. Cezanne, por sua vez, ficou encantada com o concerto. Não foi exceção. Também se sentiu hipnotizada

pela música de William. Exatamente como se houvesse encontrado o amor, comentou com a mãe mais tarde.

Na segunda apresentação de William, ela foi também. Desta vez, com amigos, e lá, num dos intervalos, decidiu que iria se encontrar com o pianista para conhecê-lo bem de perto. Ouvira um comentário a seu respeito. William, disseram, não se apaixonava por ninguém e seus romances não duravam muito tempo. Era um conquistador e aventureiro. Aproveitava o seu talento, que facilitava suas conquistas, até que, parecendo um breve Estudo, ele terminava com as moças e “fechava o piano”. Cezanne não se importou e gostaria de desafiá-lo.

O espetáculo terminou e ela foi com uma amiga até os bastidores para tentar uma aproximação com o artista. Muitas pessoas também fizeram isso e ficou difícil chegar até William. A única coisa que ela conseguiu saber foi onde ele estava hospedado e que deveria ficar uns dias na cidade. Cezanne não tentou chegar até ele, afinal havia outras pessoas. O que dizer a William que pudesse impressioná-lo? Tudo já deve ter sido dito. Resolveu esperar pelo dia seguinte. Sua amiga, Rosemary, concordou com ela e a ajudaria se fosse preciso.

William, antes do almoço, deixou o hotel e a cidade, e Cezanne perdia a oportunidade de conhecê-lo. Mais tarde, procurou saber onde e quando seria a próxima apresentação dele e comentou com seu pai o desejo de ir vê-lo. Cleyton disse a ela que já tinha ouvido aquele pianista tocar, certa vez, tentando com isso, pôr para fora um pouco da saudade que sentia por Katharina. Prometeu para a filha que no próximo concerto de William ele a levaria – onde quer que fosse. Mas isso não aconteceu tão cedo. William foi uma emoção que passou por Cezanne e uma feliz recordação do que aconteceu com Cleyton.

Num dos relatórios dos representantes que chegavam periodicamente a Cleyton, ele leu que a moça supervisora das promoções havia faltado alguns dias e se desligara da função. Cleyton telefonou ao representante e quis saber o que acontecera. Dias depois, voou para onde estava Katharina. Novamente, Mirna e Cezanne não o acompanharam e seu comportamento naqueles dias havia sido estranho, o que preocupava a esposa. Ele alegava que os negócios não iam bem, – o que era verdade – mas que em pouco tempo estaria de volta. Mirna sentia qualquer coisa a mais. Cezanne esqueceu a promessa do pai e ficou com William apenas em seus pensamentos.

Cleyton voltou para perto de Katharina e a convenceu a ficar em seu trabalho. Prometeu muita coisa, mas sabia que ela não era uma pessoa que se deixava levar por promessas. Ela concluiu a promoção naquela cidade e ambos foram para mais uma capital, e todo o trabalho começou outra vez.

Cleyton já não passava o pouco do tempo que tinha disponível com a família. Voltava para casa, se entregava aos negócios e viajava em seguida. Não eram viagens curtas e ele se distanciava da filha e da mulher cada vez mais. Cezanne sentia que sua mãe já dava mostras de muita preocupação. Ela não descartava a possibilidade de Cleyton ter arranjado uma amante. E sofria com isso, sensivelmente.

Numa das ausências de Cleyton, Mirna foi até o escritório e procurou Carlo Joseph, o braço direito do presidente na indústria. Não sabia como entrar no assunto e inventou vários pretextos para ficar mais tempo com ele e tirar alguma coisa que, possivelmente, ele poderia saber. Não conseguiu seu intento. Carlo não sabia da vida particular de Cleyton, porém disse qualquer coisa que a fez pensar mais tarde. As finanças da indústria não estavam bem. O produto tinha um grave defeito, e uma estratégia errada na sustentação de sua publicidade causava mais despesas sem trazer resultados satisfatórios. As dívidas contraídas começavam a vencer e os recursos para pagá-las não suportavam os novos gastos já autorizados.

O que ela ouviu de Carlo permitiu-lhe chegar à conclusão de que Cleyton não se dedicava mais aos negócios e suas constantes viagens deixavam muitas coisas importantes sem definição.

Mirna resolveu se inteirar completamente da situação e se reuniu com a diretoria. Um levantamento financeiro/administrativo dos negócios foi feito por um auditor e o resultado mostrou que a indústria C. Gottlieb caminhava para a falência. Para que isso não acontecesse, o melhor seria buscar recursos em outro lugar. Talvez, concluiu, ele, o doutor Cleyton, estivesse fazendo isso naquele exato momento. Era preciso esperar mais um pouco.

5

O amor proibido

Cleyton descobriu que a situação não era boa, mas sua paixão por Katharina o descontrolou completamente. Decidiu que procuraria capital em outro lugar para salvar os negócios e começou uma viagem que parecia uma lua-de-mel com a amante. Katharina facilitou um pouco esta decisão. Quando ele voltou a encontrar-se com ela, ficou sabendo que ela e o marido estavam se divorciando. Ela disse que o amava e que um pianista havia sido a causa daquele romance. Não queria se separar mais dele e exigiu-lhe uma definição. Os dois saíram do país. Cleyton ia atrás de dinheiro para recuperar a indústria e tinha ao seu lado Katharina, a quem amava perdidamente.

Na primeira capital que pararam, encontraram William se apresentando lá e a viagem deixou de ser aquela que traria a solução para os negócios de Cleyton. Os dois passaram a acompanhar William por vários lugares. Desta vez, eles se conheceram. Falaram com ele e tornaram-se amigos. Viajaram juntos, ficaram hospedados nos mesmos hotéis e William, por alguns momentos, achou que já conhecia Katharina. Alguma coisa parecia trazer de volta a lembrança de sua infância e da moça que o acompanhava nas aulas de piano. Não tinha certeza, fazia muito tempo, e não quis forçar uma situação desagradável para eles. Sentia uma grande simpatia pelo casal. Afinal, eles estavam em todas as apresentações dele.

A competência dos que dirigiam os negócios protelava a falência. O pedido de concordata seria uma solução. Eles conseguiram ir tocando à espera do presidente, que agora já não dava mais notícias. A espera era angustiante para Mirna e Cezanne. Finalmente, uma carta chegava. Vinha do exterior e era de Cleyton. As duas estavam juntas quando a receberam e ambas leram em silêncio o que ele dizia depois de tanto tempo sem notícias:

“ (...) procurei as palavras que fariam você compreender a atitude que tomei em relação à indústria e a vocês. Não achei. Momentos decisivos não me permitiram pensar duas vezes e me impossibilitaram de contar tudo. Neste instante, todos chegados a mim e aos negócios já devem ter sentido e descoberto que nós não aguentaríamos o que estava por acontecer. Eu tive sorte em saber primeiro e procurar quem me orientasse a respeito. Assim, o que fiz foi a solução

mais acertada. A pessoa só não pode dizer o que eu devia fazer com a minha própria vida. E com você (...)"

“ (...) tive vergonha de enfrentar você e Cezanne. Não consegui me ver fracassado diante de vocês e perder tudo o que construímos. Por isso, tirei, do nosso nome, o que amamos e que jamais perderemos. Não posso dizer com quem está, mas fique tranquila. Não perderemos nada”.

“ (...) não tente consertar nada. Não será possível. Eu estou tentando arranjar uma saída por aqui, onde estou. Não vamos vender a indústria porque vou arranjar uma solução para salvá-la”.

“ (...) não posso mandar buscá-la. Não me pergunte por que. Mas tente entender, por favor. Eu volto para acertarmos tudo isso, juntos”.

Como havia sido previsto, Cleyton descobrira o que aconteceria antes de todos. Viu que não tinha saída e, ao mesmo tempo, descobrira também um amor dentro de si que o rejuvenescera. O preço deste romance era o estigma do fracasso. Restava, aos que o aguardavam, a esperança de que ele trouxesse a solução. Um dia, sem qualquer aviso, Cleyton chegou à cidade.

Seu encontro com a família foi uma mistura de lágrimas, desentendimentos, perguntas sem respostas e argumentos pela metade. Mirna não sabia em que acreditar ou mesmo sentir. Cezanne ficou feliz ao ver o pai e deu-lhe tempo para contar tudo. Deixou os pais à sós e se retirou para seu quarto.

– Você pode imaginar o que passamos, Cleyton? – disse Mirna ao ouvir uma parte do relato sobre que o marido havia feito – Ficar sem notícias suas durante muitos meses. Fazer força para não acreditar no que diziam? Ter que admitir que você realmente estivesse com outra mulher. Eu ouvi de tudo. Tentei esconder o que pude de Cezanne. O que foi possível. E, finalmente, deitar a cabeça no travesseiro todas às noites sem encontrar um sentido para tudo o que estava acontecendo. Não sei o que sentir por você agora. Se pena, ódio ou um pouco de saudades daquele que você foi um dia. Devo acreditar no que você me conta, ou procurar provas que me levem à verdade e a entender tudo?

Mirna ouviu a versão do marido. Ouviu triste e calmamente com muita atenção. Mas não encontrou motivos para lhe dar qualquer sombra de razão. Jogadas financeiras e administrativas não estavam lhe interessando muito. Era tudo muito confuso e, como sempre, ela não fazia muito esforço para entender

dos negócios de Cleyton. Junto com aqueles dados frios, ela sabia que mais alguma coisa havia acontecido. Sua intuição insistia em tentar tirar de Cleyton toda a verdade.

No dia seguinte, Cleyton foi ao escritório e reuniu-se com os diretores. Confiava neles e estudaria os planos que eles haviam colocado em execução, na sua ausência, para tentar uma recuperação. Teria que levá-los adiante e pediu para que cada um encarregado dos diversos departamentos trouxesse, para a próxima reunião, resultados e posições de cada setor.

De volta para casa, Cleyton tentou convencer Mirna de que a atitude que tomara tinha sido a melhor. Nada justificou seu silêncio, alegava a esposa, e ainda havia muita coisa para ser esclarecida.

Mirna era de família tradicional daquela cidade. Conheceu o amor quando conheceu Cleyton. Esteve ao seu lado desde o início da indústria, mas nunca participou ativamente dos negócios. Isso deixava em Cleyton certa frustração, pois ele gostava de contar a respeito das decisões que tomava e das ideias que tinha. Só não fazia isto com a esposa porque ela se mantinha à margem.

Cezanne nasceu um ano depois de eles se casarem. Mirna teve alguns problemas com a gravidez e com o parto, e ficou impossibilitada de ter mais filhos. Isso trouxe certo desapontamento para Cleyton, que queria um filho. Mais tarde, suas relações foram ficando mais escassas e o conforto e o dinheiro substituíram os carinhos e a atenção amorosa da parte dele. Mirna dedicou-se de maneira incomum à filha, com medo de perdê-la. Cuidou dela em todos os minutos de sua vida. Tornou-se sua amiga quando ela cresceu e ninguém mais ocuparia o espaço de toda aquela dedicação. Assim, o que os unia – ela e Cleyton – era Cezanne e, pensando nela mais uma vez, é que Mirna ouvia Cleyton e aguentava o que achava que era mentira e ilusão.

– Eu tentei não pensar em nada disso que você está me contando, Cleyton. Nunca quis admitir que você pudesse estar com outra mulher. Cezanne me dizia isso também. Pelo menos, você tenta me dar uma explicação, agora. Mas, como vou acreditar que tudo terminou?

– Mirna, vamos deixar para resolver isso quando tudo voltar ao normal...
– Cleyton não sabia o que dizer.

– Diga quem é ela. Eu a conheço? Deve ser inteligente. Você consegue fazer amor com ela? Ela deve ter curado a tua impotência. Vai te dar o filho que eu não pude dar?

– Mirna...

– Você quer que eu o perdoe? Não sei. Não sei nem se o amo ainda... Na verdade, Cleyton, será que nós nos amamos? Era amor ou conveniência... Fomos práticos um para o outro, não acha? Você entrava para o meio social elegante, casando comigo, a mocinha mais colunável da cidade. Eu me livrava do controle de meus pais que eram muito severos...

– Você está muito perturbada. Nós ainda...

– Você quer que eu lhe dê mais uma chance? Você não nos deu nenhuma. Pensou nos nossos bens. Grande coisa. Eu tenho minhas joias. Não iríamos passar fome.

– Nós não perdemos...

– Eu preciso de tempo, Cleyton. Tente com sua filha. Sabia que ela estava disposta a vender a fazenda e seus cavalos para ajudar a salvar tudo? – Mirna caminhou até a porta do quarto onde discutiam e falou antes de sair:

– Vá consertar o que você estragou. Depois vamos ver se ainda poderemos viver juntos.

Cleyton contou quase tudo à Mirna. Disse que pensou estar apaixonado por outra mulher, mas que isso nada tinha a haver com o que ocorrera com os negócios. Apenas escolheu uma das saídas, sempre com a esperança de recuperar tudo, trazendo capital de fora.

Por acaso, encontrou outra mulher enquanto estava longe. Tudo não passava de uma paixão, nada mais. Ele não disse quem era ou o que fazia. Apenas deixou a entender que tudo estava acabado. Tentou ser honesto o quanto pôde. Esperava que a mulher compreendesse, mas não forçou a situação. Aceitou esperar um pouco. Dar um tempo enquanto precisava voltar suas atenções aos negócios. Seu romance com Katharina seria muito difícil, quase impossível, naquelas condições. Ela sabia disso também e acabou facilitando as coisas para ele. Voltaram juntos, mas saíram do avião como se fossem estranhos. No fundo

de seus pensamentos haviam ficado apenas recordações de momentos agradáveis, cheios de música. Quem sabe, quando os dois se despediram de William, foi com ele também todo o elixir que os mantinha amando. Era como se a música houvesse chegado ao final e nada mais havia para ser ouvido.

6

O Concerto nº 1 de Tchaikovsky

O Concerto nº 1 em Si Bemol Menor, Opus 23, para piano e orquestra, de Pyotr Ilitch Tchaikovsky, era executado por William Prochmann de maneira surpreendente.

Alguns críticos de música ousavam dizer, com toda segurança, que ninguém até então havia executado a obra tão magistralmente como este grande virtuoso do teclado. William costumava deixar o Concerto nº 1 sempre para o final, quando o incluía em seus programas, porque sabia que o delírio da plateia era tão grande, que era preciso repetir sempre o tema daquela obra de um dos maiores compositores que já existiram, segundo a opinião do próprio William. Este Concerto estava incluído numa coleção de discos que uma gravadora lançava no mercado contendo as músicas de Tchaikovsky. Não podia faltar na coleção uma de suas obras mais conhecida e executada pelo seu maior intérprete.

Ouvindo a gravação, Cezanne voltou a fazer contato com a música de William. Ela soube do lançamento da coleção e a comprou imediatamente. Colocou um dos discos em seu equipamento de som, – justamente o que continha o Concerto completo – retirou o som dos alto-falantes e aprontou os fones individuais. Fechou os olhos e imaginou-se na plateia ouvindo William tocar. Só que ninguém mais estava presente além dela, o pianista e a orquestra que o acompanhava. Seguiu a atenção que o concertista tinha no maestro que regia os músicos e que voltava os olhos às teclas juntamente com os olhos dela, e encontravam as mãos das quais brotava toda a beleza da música. Movimentos firmes, às vezes graciosos, sempre precisos, pareciam saber como ninguém o que o compositor quisera contar ao conceber aquela música.

Tchaikovsky tentou passar, para a música, no primeiro movimento do Concerto nº 1, um refrão que ele ouviu, cantado por mendigos cegos numa aldeia. O fato, jamais poderia imaginar o mestre, voltaria a acontecer quando William iniciava o Concerto. As pessoas pareciam que perdiam a visão quando ouviam os primeiros acordes e se tornavam tão pobres, tão mendigos cegos, a esmolar pela eternidade do momento.

Era exatamente assim que Cezanne também se sentia naquele instante. A implorar pela presença do mestre e do intérprete de sua grande obra. Cezanne lembrou claramente das feições de William, de seus gestos e de seu sorriso

quando quase conseguiu chegar perto dele uma vez. Ela sentia-se envolvida pela música do pianista e desejava conhecê-lo mais. Queria segurar as suas mãos mágicas, mas um pouco de sua autoconfiança havia feito com que ela perdesse a oportunidade. Agora, tinha que se contentar em ouvi-lo apenas. E esperar até quando?

Ela passou a ouvir a gravação quase todos os dias. Às vezes, tocava no equipamento com os alto-falantes ligados, em volume ensurdecedor. Enchia a casa com os sons que vinham do piano de William. Mais tarde, foi a uma loja de discos e encomendou tudo o que ele já gravara. Precisou esperar algum tempo para receber o que foi possível reunir com a gravadora. Alguma coisa já estava esgotada. Ela procurou amigos que costumavam comprar discos clássicos e reuniu mais gravações. Todas as noites, Cezanne ouvia William e não conseguia elege a música mais bela. Desta forma, pensava, conseguia estar com ele. Sentia suas mãos e a vibração com que tocava invadir seu corpo. A cada aplauso que imaginava para William, sonhava que ele voltava para ela. Cezanne criou uma obsessão íntima e apaixonou-se por William e sua música. Cada nota era uma palavra sua. Cada tema, um beijo. Cada concerto, uma forma de possuí-la.

Cleyton ouviu várias vezes, à noite, vindo do quarto da filha, a música executada por William, e percebeu logo no início que era ele quem tocava. Quantas lembranças lhes trouxeram aquelas músicas tão lindas. Muitas delas ele tinha tido a oportunidade de ouvir o pianista tocar logo à sua frente. Sua relação com Mirna não tinha melhorado e Cleyton se sentia triste quando ouvia a música vinda de longe, tão longe como estavam seus pensamentos e Katharina.

Um dia, Cleyton soube que um amigo trouxera do exterior um disco que William havia gravado recentemente. Pediu para ele gravar uma fita e levou para a filha. Os gravadores de fitas eram novidade e Cleyton precisou comprar um para ela.

– Eu trouxe um presente para você, Cezanne querida. Aposto que você ainda não tem esta... O compositor se utilizou da obra de Verdi e a peça chama-se Paráfrase de Concerto sobre a ópera “Rigoletto” e quem a executa você já pode imaginar...

– É... William... – disse ela entusiasmada.

– Eu tenho observado que você ouviu muito este pianista. O William. Um amigo chegou da Alemanha com um disco novo dele. Achei que você iria ficar contente em ter esta gravação.

Cezanne ficou radiante com o presente do pai. Não podia ser mais bonito, disse. Era o terceiro ato de “O Rigoletto”... Bela filha do Amor... – que parecia ter sido composto para Cezanne quando William a tocava. Ele dizia que sempre tocava para as mulheres mais bonitas, mas jamais pôde pensar que, gravando aquela peça com arranjo de Liszt, uma bela filha do amor fosse ouvir pensando nele, no pianista que já era amado sem ao menos conhecer a moça que o amava.

Cleyton contou à filha que havia ido a um recital de William quando esteve fora. Voltou a fazer a promessa que havia feito uma vez. Assim que descobrisse onde o pianista estivesse se apresentando, ele a levaria para ouvi-lo e conhecê-lo. Não imaginou que Cezanne intimamente pensou: “quero ir onde ele estiver, tocando ou não, meu pai”.

William não se caracterizava por executar obras de um mesmo compositor. Ele tocava a música de muitos deles, com a mesma maestria e virtuosismo. Entre as músicas que Cezanne mais gostava, estava a Berceuse em Ré Bemol Maior, de Chopin. Esta peça – uma cantiga de ninar – era apontada pela crítica em geral como uma das mais bem compostas dos últimos anos do músico. William trazia de volta toda a singeleza e romantismo com que Chopin conviveu durante sua existência.

Havia outras obras deste compositor na coleção de Cezanne, tocadas por William. Entre elas, gostava muito dos Estudos Opus 10 e os ouvia constantemente. Numa das noites, chegou a chorar de tão bela que era a música e que a emocionava muito, talvez por estar tão longe do pianista. Só não podia imaginar que, perto dela, seu pai também chorava no seu íntimo, principalmente quando a música a seguir naquele disco era a Fantasia-Improvisado. A mesma que lhe aproximara de Katharina. Na verdade, as músicas de William traziam fugas para aquelas pessoas naquela casa. Cleyton as ouvia e se transportava ao passado recente. Não encontrando o que sempre buscou em sua mulher, ele preferia sonhar, tendo como fundo a música divina. Cezanne, por sua vez, encontrava a fuga de seus anseios e dilemas quanto aos homens que a amaram.

A verdade é que a música de William trazia a paz interior para Cezanne e seu pai. Era a calma que existia na variação 18º da Rapsódia sobre um tema de

Paganini. Eles a ouviam, sonhavam e sentiam-se felizes por haver música tão bela e executada com tanto amor, com tanta vida e esperança. Também de Rachmaninoff, Cezanne ouvia os Excertos do Concerto nº 2. Esta música a deixava perdida. Era vibrante e William impunha uma força estranha quando a executava, que Cezanne parecia só existir para aquela vida. Ela não estava ali, ouvindo apenas. Ela estava amando com todo amor que jamais pudera imaginar sentir. E ninguém mais perfeito para receber este amor do que o próprio intérprete das músicas que a acalentava e a transportava para junto dele num sonho interminável. A força do Concerto nº 2, de Rachmaninoff, sobrepujava a resistência interior de Cezanne e ela sentia um grande abraço do homem que estava amando e que nem sequer a conhecia.

– Cezanne, eu soube que William Prochmann, este “teu” pianista, que você tanto ouve, deverá chegar à cidade para umas apresentações dentro de uns... Três meses. O Centro do Comércio Exterior conseguiu trazê-lo de volta. Boa notícia, não? – contou Cleyton ao chegar em casa.

– Meu pai! Isso é verdade? Mas... três meses ainda.

– Você acha que é muito tempo? Já é bom que ele venha... Você pode esperar mais um pouco. Eu é que estou achando que você está muito entusiasmada com este artista. Cuidado com este coraçãozinho...

A notícia foi dada e Cezanne começou a contar os dias até a data marcada para a apresentação de William. Mas outra pessoa também teve conhecimento da vinda dele e sentiu o peito apertar. Era Katharina. Desde que voltou, não viu mais Cleyton. Ele também não a procurou. Combinaram que, se um deles sentisse que sentimentos revelados quando estiveram juntos voltassem, tentariam um encontro. Os dois sabiam que situações momentâneas iriam impedir o reencontro. Eram adultos, e deveriam suportar as condições desagradáveis para ambos se acontecesse tudo outra vez. Mas era preciso saber esperar. Cleyton não lhe prometeu nada, além do papel ingrato de amante. Ela compreendeu, e a sua frieza em relação a sentimentos ajudou-a a ficar sem ele. Ajudou-a dizer que não estava sofrendo e que podia viver sem ele. Ela já passara por isso e sabia como enfrentar a solidão e a saudade. Agora, ao saber da vinda de William, Katharina deixa desprender, dentro de si, uma pequena lembrança dos dias que fora amada e da sua própria juventude ao lado do pianista.

Finalmente, as notícias sobre a vinda de William para duas apresentações em Calais, a cidade de Cezanne, chegaram até ela definitivamente. Apenas duas apresentações, pensava. Mas ele deveria ficar mais uns dias, ou mesmo, chegar bem antes, pois iria tocar junto com a sinfônica local e seria preciso ensaiar. Ela procurava notícias todos os dias pelos jornais. Comentou com o pai que precisava comprar as entradas com antecedência, pois queria um lugar bem próximo ao palco. Bem próximo a William.

Num domingo, Cleyton levou-a até o jardim e, a sós com a filha, passou o braço pelo seu ombro e contou que conhecia William. Tinha ido a um concerto seu – como já dissera – mas agora afirmava que o encontrou no hotel em que estava hospedado também. Cumprimentou-o pela *performance* daquela noite e ambos conversaram muito na ocasião. Depois, numa feliz coincidência, eles se encontraram em outra cidade onde tocaria e, novamente, Cleyton foi ao espetáculo. Mais uma vez, eles voltaram a conversar. Cleyton contou a Cezanne que o pianista, de fato, possuía um carisma muito forte. Ele conquistava as pessoas com muita facilidade. O próprio Cleyton tinha uma forte admiração por ele. Não estava surpreso com o que Cezanne dizia sentir. Ela o considerava um ídolo e era a sua fã, para não dizer que sentia um amor secreto guardado dentro de si. Agora, ela o amava.

“Dó, Ré, Mi, - Faça Alguém Feliz”

Os primeiros acordes vieram do piano de William. A música, “O Sonho de Olwen”, de Charles Williams, escrita para a partitura do filme “Enquanto viver”. William dava um dos raros espetáculos que fazia. Tocava um repertório mais leve, mais popular. Mesclando com música clássica-ligeira, ele incluía no programa um arranjo seu para uma Fantasia de Chopin, depois, o Concerto de Varsóvia, de Addinsell e o Concerto em Lá Menor, de Grieg. Na segunda parte, tocou Estrela ao Luar, – também escrita para um filme – e Laura, da peça do mesmo nome. Interpretou Spellbound Concerto, de Rozsa, e fechou a audição com o tema do Concerto nº 1 para piano, de Tchaikovsky.

Como sempre, William foi aplaudido de pé pelas pessoas que lotavam o Teatro Municipal de Calais, na Place Albert. Bisou com duas obras mais curtas e prometeu que falaria com seu empresário para dar mais uma audição, além da prevista para o dia seguinte. Era preciso acertar os detalhes. A plateia não se contentou com as palavras do artista quando de sua volta ao palco para agradecer. Aplaudia incessantemente. Ele sorria e não sabia o que fazer. Não havia mais música ensaiada com a orquestra. William adorava aquele sucesso, aqueles aplausos, como gostava de tocar. Tentou sair do palco, mas na plateia alguns estudantes gritavam “fica, fica”. Ele, então, foi até o maestro, que de seu lugar aplaudia também, e pediu-lhe licença para tocar mais uma vez, a sós. Era uma música muito bonita, como disse ao público. Da peça teatral “Dó, Ré, Mi, - Faça Alguém Feliz”. Sentou-se ao piano e o silêncio invadiu o teatro. Segundos depois, William tocava uma música linda e singela que devia falar de amor e felicidade. Não era conhecida, mas os que a ouviram pela primeira vez, naquele instante, se deslumbraram com a magia da música que vinha do piano de William. Novamente, ele foi muito aplaudido, porém, desta vez, ele curvou-se uma vez só, para agradecer, e saiu do palco definitivamente naquela noite.

Conforme Cleyton havia prometido para a filha, ele a levaria até os camarins para apresentá-la a William. Apenas pediu que ela e sua mãe o esperassem no saguão do teatro até que ele localizasse o pianista e acertasse o encontro. Afinal, muita gente estava à espera dele na saída. Nestas ocasiões, William costumava tardar em sair e então recebia aqueles que ficavam à sua espera por mais tempo. Cleyton alertou-as para este fato e foi tentar ser recebido pelo artista antes dos demais. Sabia que William deveria se lembrar dele. E isso

aconteceu. William ficou contente em vê-lo. Cleyton disse que precisava falar com ele, mas o pianista interrompeu-o para perguntar sobre “Katia”. Era sobre ela que ele queria lhe falar. O amigo disse que estava bem, tudo bem, mas não era possível contar nada ali. Afirmou que algumas pessoas queriam conhecê-lo, mas que antes era preciso dizer algo a ele. Naturalmente, iria entender.

– Eu estou no Hotel Carlos Magno, Cleyton. Vamos nos encontrar lá em torno de uma hora, está bem?

Cleyton afirmou que sim, já no meio de outras pessoas que chegavam até os camarins. Voltou, então, até as duas mulheres que o esperavam ansiosas e ainda envolvidas pela música de William.

Cezanne não sabia o que dizer. Vivera cada instante daqueles momentos de música enquanto via William tocar, com uma emoção nunca sentida. Se a empolgação do primeiro concerto tinha sido grande, naquela noite, Cezanne sentia-se atraída mais ainda por ele. Não eram mais sonhos onde ouvia a sua música. Ela estava ali, à espera da grande paixão de sua vida. Era preciso fazer tudo para conquistá-lo agora. Ela tremia em pensar nisso. Apenas mais uma hora ou duas que pareceriam uma eternidade.

Um detalhe não estava nos planos de Cleyton, Cezanne e do próprio William. Havia mais alguém no teatro que também queria vê-lo. Alguém que queria revelar uma coisa para ele. Alguém que o esperou por mais tempo que as outras pessoas até que elas saíssem e os deixassem a sós. Quando isso aconteceu, bateu na porta de seu camarim.

– Katia! Minha amiga Katia! Você por aqui. O Cleyton já esteve aqui... Você não estava com ele? Eu lhe disse... Você está sozinha? – William estava surpreso com aquela visita.

Katharina estava sozinha. Sorriu para William, beijou-lhe a face e estendeu-lhe a mão. Outra pessoa passou e pediu-lhe um autógrafo. Ele deu e foi se retirando com ela.

– Eu estou sozinha, William – disse ela.

William sentiu que havia algo errado e fez, rapidamente, um quadro daqueles dias que passaram juntos e ouviu dela o que imaginava. Eles não eram

casados. Agora, estiveram os dois ali, vendo William tocar, e distantes um do outro. Não era assim que William queria vê-los, disse. Mas, tinha que ser assim, afirmava ela. Contou que viveu um romance lindo com ele porque a música daquele pianista os envolvera de tal forma que não tinham outra escolha, senão a do próprio envolvimento entre eles. Amaram enquanto ouviam ele tocar, e depois se separaram quando a música terminou. Ela contou que quando ele se foi, na última apresentação naquele país onde estiveram, seus sentimentos foram se esvaindo e a atração física, que também os unia, foi ficando cada vez mais fraca. Problemas de Cleyton ajudaram o desfecho triste daquele romance. Ela não sabia se o amara ou se amou uma pessoa muito importante para ela, mas que teve medo de conhecer um dia.

Katharina falava de Cleyton. Devagar, contou para ele um pedacinho de sua vida, especialmente de sua juventude. Depois, pequenas revelações que deviam estar na lembrança de William, revelavam Katharina. E a principal delas – seu verdadeiro nome – o levou à conclusão tão esperada por ela e que naqueles encontros precisou esconder dele.

– Katharina... Como eu te procurei... em vão. Como não pude perceber...
– disse ele surpreso – Eu senti que havia qualquer coisa...

– Muito tempo passou para nós... – ela o interrompeu antes dele terminar de falar.

William esqueceu que Cleyton o esperava. Caminhou com Katharina durante várias horas. Queria saber de tudo. De seus amores, de sua vida. Queria relembrar o passado, saber por onde ela andou e lhe agradecer a dedicação que tivera para com ele. Ela, por sua vez, declarou que, só quando ele se foi que ela pôde perceber o quanto amava o menino pianista. Sua ausência a fizera perder o encanto pela vida.

Ele estava fascinado pelo reencontro com Katharina. Queria-a para sempre. Então, lembrou-se que Cleyton o esperava.

– Meu Deus! Esqueci que Cleyton me espera... Que gafé! Agora é tarde para ir ao seu encontro. – Ela sorriu da situação e ele continuou.

– Ele sabia que você me conheceu quando criança? Contou a ele? Porque você não se revelou logo no início?

– Fiquei envergonhada. Não sabia o que dizer. Pensei...

– Eu sempre sonhei com este momento, Katharina. Existem músicas que toco e que me trazem à mente a minha infância e os dias que passei com você. Nunca pensei que a perderia...

William e Katharina terminaram o passeio na frente do edifício em que ela morava. O compromisso quebrado com Cleyton já não o incomodava mais. Ele estava deslumbrado com a velha amiga. Naqueles momentos, eles trouxeram todo o passado de volta. Foram recordações alegres e tristes. Ele contou também sobre sua vida adulta. Dizia viver intensamente, mas sentia a falta dos pais e da amiguinha que sempre o entendeu. Mas era feliz, afirmou. Tinha a música como companheira fiel. Talvez, a vida lhe dera a música para confortá-lo da ausência dos entes queridos. Ela se sentia orgulhosa ouvindo aquelas confissões, e ficou feliz quando soube que os pais dele reconheceram que ela era a grande responsável por ele ter estudado música, quando William contou-lhe isso.

– Na última carta que minha mãe me escreveu ela disse que você se fora sem dizer nada, mas que a perdoara e que não tinha o direito de interromper a tua vida. Pelo que você fizera por mim, ela estava muito grata.

Katharina olhou para o relógio e voltou os olhos para William como se mostrasse que o tempo terminara para eles naquela noite. William percebeu e levou uma das mãos ao rosto dela, fazendo uma carícia que a fez sentir um arrepio imediatamente. Seus olhos foram ao infinito de Katharina e ele lhe disse que queria ficar com ela. Foram longos os anos sem ela, continuava baixinho. Desta vez ele não a deixaria ir tão de repente. Ela segurou a sua mão e se dirigiu à entrada do prédio. William a seguiu em silêncio. Nada mais precisava ser dito. Subiram até o andar do apartamento dela. Katharina procurou as chaves na pequena bolsa que levava e abriu a porta.

Ambos entraram e William fechou a porta atrás de si. Katharina virou-se para ele e sentia o bater ofegante de seu coração. Estava muito próximo dele. Uma fraca iluminação vinda do lado de fora entrava pela sala. William colocou as mãos em volta da cabeça dela e, lentamente, foi em direção aos seus lábios. Ela estava imóvel. William abraçava seu corpo com força como se estivesse com medo de que ele sumisse da sua frente. Em seguida, ele beijou seu pescoço, seu rosto, sua testa. Ela ainda mantinha os olhos fechados. Estava linda, notava William sentindo junto de si aquela que tanto procurou. Katharina parecia estar sonhando e suplicava para não acordar naquele instante. William levantou-a com

os braços e a carregou devagar até o centro da sala. Ali, beijou-a nos lábios e tentou se orientar. Ela percebeu e olhou-o delicadamente. Voltou os olhos em direção a uma das portas que estavam fechadas. Ele se dirigiu para ela e a abriu ainda com Katharina no colo.

Dentro do quarto, uma pequena luz estava acesa, pois ela a deixava assim cada vez que saía à noite. Ele colocou-a no chão e beijou-a outra vez. Durante o beijo, começou a tirar seu vestido longo e fino. Sentiu nas mãos sua pele lisa e macia. O vestido caiu aos pés dela. Katharina separou-se dele e deu uns passos em direção à cama. Ele desabotoou sua camisa de seda e a tirou junto com o paletó que usava. Ela levantou os lençóis da cama e sentiu-o junto do corpo, que não recebia mais seus comandos. Levemente, William a fez deitar-se e foi descendo pelo seu corpo enquanto a beijava. Beijou seu sexo demoradamente e sentiu as mãos dela apertarem as suas. Depois, atendendo as suas súplicas, ele foi para junto de seu rosto e, olhando firmemente para Katharina, a possuiu descontroladamente. Ambos atingiram um clímax violento como uma passagem vibrante dos concertos que executava. Eles sabiam fazer amor em todas as suas formas, mas naqueles instantes, William e Katharina descobriram prazeres que nunca antes haviam sentido.

8

O encontro

– Este é o Noturno de Chopin, não, Cezanne? – perguntou Mirna ao ver a filha sentada na cama, desapontada com o que acontecera e ouvindo um dos discos que possuía. Mais uma vez, ela não pôde se encontrar com William.

– Você não pode esquecê-lo... – continuou sua mãe – Sabe a quem me refiro. Minha filha, às vezes as pessoas que pensamos existir somente para nós estão muito longe, tão distantes que jamais conseguiremos chegar até elas. A vida nos prega peças que nos deixam tristes. Você sempre teve rapazes que beijariam o lugar onde você pisou, querida. Agora eu sei que você daria tudo para, pelo menos, tentar o amor de um homem que está próximo de você, mas que, na realidade, vive em outro mundo. Tenha paciência. Não se entregue ao primeiro revés. Eu sei que você não é de desistir tão facilmente. Você é jovem, tem muito pela frente. Viva todos os momentos que o destino prepara para você. Eu não tenho mais tempo, mas você ainda tem, pode estar certa disso, outra oportunidade virá.

Mirna tentava consolar a filha no dia seguinte, em seu quarto. Ela ouvia o Noturno de Chopin – talvez o mais conhecido – e William estava tocando. Na noite anterior, ela, sua mãe e seu pai esperaram duas horas por ele na boatinha do hotel. Ele não apareceu ao encontro com o amigo. Cezanne sentiu-se frustrada e desapontada. Justamente, quando mais pensava que o seu encontro com o pianista iria acontecer, ele não aparecera. Cleyton ficou muito sentido também, pois dizia que William garantira para ele que se reuniria a eles naquela noite. Tinha gostado muito de vê-lo e demonstrava sinceridade nisso. O pai de Cezanne, também tentando consolá-la, disse que o gesto de William era típico dos artistas. Eles não fazem muito caso das pessoas normais, completou.

Cezanne voltou a ouvir os discos com as músicas tocadas por William para se convencer sobre o que sentia por ele. Queria saber se ainda o amava intimamente, ou se a desilusão teria acabado com o seu sonho. Era difícil sentir uma definição dentro de si. A magia de William estava ali, presente, junto dela. Não poderia esquecê-lo facilmente apenas porque ele não havia ido ao encontro com seu pai. Afinal, pensava ela, ele não sabia que ela o esperava. Uma mulher bonita sempre atraía William, como diziam todos, e ela sabia que era uma mulher bonita. Assim, decidiu que naquela noite iria à segunda apresentação do artista. Precisava comprar a entrada para o espetáculo. Aquela altura, já deviam estar

todas vendidas, mas ela tentaria, talvez, com os cambistas. Porém, desta vez, afirmou, agiria a seu modo.

William passou toda a manhã com Katharina. Almoçaram juntos e à tarde ele foi ao teatro para encontrar-se com o empresário. Havia deixado recado para ele no hotel, pela manhã. Era preciso ver se podiam marcar uma apresentação a mais, conforme tinha prometido na noite anterior. William estava disposto e queria tocar mais uma vez naquela cidade. Disse que tocaria ali para sempre, se pudesse. O empresário percebeu logo que o pianista já havia encontrado um novo amor... Depois de tudo acertado, William preferiu andar um pouco até o hotel e deixou o teatro sozinho.

– William Prochmann. Pode me dar um autógrafo...?

Foram as primeiras palavras de Cezanne para William. Ele estava na calçada e ela fora comprar as entradas para aquela noite. Quando o viu se dirigindo ao outro lado da rua, apressou-se atrás dele e o chamou quando já estava bem próximo. William ouviu que o chamavam e virou-se. Olhou para a moça e sorriu. Porém, não percebeu que sua expressão paralisou diante daquele rosto tão belo. Cezanne deu uma caneta a ele e as entradas viradas com a parte impressa para baixo. Ele podia autografar no verso. William demorou-se alguns segundos olhando para ela, e apanhou instintivamente o que ela lhe passava. Ela corou levemente e baixou os olhos para as mãos dele. William pareceu retornar do espaço.

– Se eu autografar aqui você terá que comprar outra entrada ou... – hesitou – ficar sem meu autógrafo quando deixar o ingresso no teatro.

– Eu... compro outro ingresso. – disse ela delicadamente.

– Ouvi dizer que não tem mais.

– Com os cambistas...

– Não. Você não vai comprar entradas de cambistas. Eu consigo um lugar para você. Quer?

– É muita gentileza sua, mas...

– Eu insisto. Vamos até ali a entrada. Meu empresário ainda deve estar lá e dará um jeito.

– Eu não quero incomodá-lo...

William sorriu para Cezanne. Colocou uma das mãos em seu braço e se dirigiu com ela até o saguão do teatro. Pediu para ela esperar um pouquinho e foi até onde estavam alguns homens conversando. Cezanne reparou que logo que William falou qualquer coisa, um deles – o que parecia ser seu empresário – virou-se e olhou para ela. Depois, deu tapinhas nas costas de William e sorriu. Ele despediu-se de todos e voltou até onde ela estava.

– Pronto. Tudo arranjado. Você vai assistir de um lugar especial! – exclamou contente.

– Não precisava se incomodar.

– Absolutamente. Não foi incômodo. Além do mais, onde você vai sentar, só costumam ficar madames e políticos. Você vai embelezar o balcão.

– É?! Onde vou ficar?

– É. Olhe ali. Quando você chegar, vá até aquela portinha. O homem que a levará até o balcão estará te esperando. Agora, me diga qual o seu nome para que eu possa autografar teus ingressos.

– Cezanne.

– Cezanne. Um nome tão lindo quanto você.

As faces de Cezanne voltaram a ficar levemente coradas. William autografou os ingressos que ela havia comprado, disse que sentia não poder ficar com ela mais um pouco porque tinha um encontro marcado, mas que esperaria que ela não perdesse o espetáculo. Certamente, iria gostar. Depois, despediu-se dela e apanhou um táxi que estava parado. O carro distanciou-se e Cezanne seguiu radiante em direção ao seu carro.

Claro que William não deixaria passar a oportunidade de fazer uma gentileza a uma mulher bonita. Era um vício seu que ele não fazia questão de corrigir. Não precisava saber para quem seria a gentileza, bastava que a moça

tivesse atraído sua atenção. E isso aconteceu no primeiro instante que viu Cezanne.

Em casa, Mirna percebeu que a filha estava diferente. Não era a mesma pessoa que acordara naquela manhã e que precisou ser consolada. Quis saber o que havia acontecido e Cezanne apenas mostrou o autógrafo de William e disse que iria à apresentação dele naquela noite. Depois, abraçou a mãe como se quisesse repartir sua alegria. Mais tarde, Mirna comentou o acontecido a Cleyton. Ele pareceu um pouco preocupado. O que teria ocorrido? Perguntou, durante o jantar, com quem Cezanne iria ao teatro. Ela respondeu que iria com Rosemary, sua amiga. Já estava tudo acertado. Não lhe contou, porém, que o lugar onde sentaria era especial.

Para Rosemary, Cezanne contou o que tinha acontecido naquela tarde enquanto se dirigiam ao teatro minutos depois de apanhá-la em casa. Deviam procurar um funcionário que estava à espera delas numa entrada lateral. Ele estava lá. Se aproximaram e ela disse que William pediu-lhe para procurá-lo naquele lugar.

Antes que pudesse terminar, o homem abriu a porta e deixou-as entrar. Em seguida, levou-as até um dos balcões do teatro. Lá, uma das poltronas era diferente das demais. Parecia ser a de Cezanne. O funcionário pediu licença e disse que logo traria outra poltrona. Feito isso, fechou a porta daquele lugar especial e deixou Cezanne e Rosemary à espera do início do espetáculo. Logo depois, alguns casais chegavam ao balcão e uma das senhoras reconheceu Cezanne e a cumprimentou. O teatro rapidamente começou a ficar com todos os seus lugares tomados e chegou a hora do início da segunda apresentação de William na cidade de Cezanne.

Uma imensa cortina se abriu e a orquestra já estava pronta. Instantes de expectativa, e William apareceu. Todos aplaudiram e ele agradeceu levemente. Sentou-se ao piano e sua magia invadiu o lugar. O programa era o mesmo da noite anterior, porém, Cezanne agora estava quase à sua frente. Podia vê-lo melhor. William estava concentrado, envolvido. Transportado para dentro da música. Cezanne parecia ter perdido a noção do tempo e não sentia nem a sua própria respiração. No intervalo, notou que William, dos bastidores, olhava para ela. Fez um aceno com as mãos e sorriu. Ela respondeu-lhe com um sorriso também e um leve movimento com a cabeça. Depois ele retirou-se. Lá dentro,

outra mulher ouvia William também, num lugar muito especial. Era Katharina que fora com ele ao teatro.

Novamente, William terminou a última música e precisou bisar. Depois, como estava previsto, anunciou que na noite anterior havia prometido ao público que faria mais uma apresentação. Graças ao esplêndido empresário que tinha, afirmou, e que o deixava tocar à vontade, ele daria mais um espetáculo. Foi muito aplaudido outra vez e despediu-se. Numa das suas referências, William virou-se para o lugar onde estava Cezanne e seus olhos encontraram os dela. Cezanne continuou aplaudindo e manteve a expressão imóvel como se desafiasse aqueles olhos a permanecerem fixos nos dela. Finalmente, William retirou-se do palco e todos começaram a sair. No corredor que levava à saída, o funcionário que tinha conduzido Cezanne e Rosemary até o lugar de onde assistiram William tocar, surgiu à sua frente e disse que o artista as convidara para o concerto do dia seguinte. Mesmo lugar, mesma hora. Infelizmente, o mesmo programa, concluiu o rapaz como se tivesse decorado tudo que William havia lhe dito.

– Nós viremos, não? Quanta gentileza dele. Podia ter esquecido a gente. Você notou como ele nos olhou? Que charme... – falou Cezanne radiante para a amiga.

Não cabia tanto entusiasmo dentro de Cezanne. Seu coração se encheu de alegria e esperança em voltar a encontrar-se com William. Afinal, ele deixava clara sua intenção de vê-la com ela.

Naquela noite, ela não ouviu nenhuma gravação dele. Ficou com a música que vinha de dentro de si e a imagem do artista à sua frente, tocando só para ela.

No apartamento de Katharina, William estava com ela nos braços, deitado numa imensa poltrona e os dois conversavam sobre a audição que acabara horas antes. Katharina aflagava seus cabelos como fazia quando ele ainda era criança e beijava sua testa. Sentia-se a mulher mais feliz do mundo. Ele devia sentir a mesma coisa, mas, para William, apenas um rosto perturbava um pouco sua atenção em Katharina. Um rosto que, conforme percebeu, não tirou os olhos dele o tempo todo durante sua apresentação. Quem era ela? Que beleza misteriosa provocara William justamente quando ele tinha se encontrado com uma paixão que guardava há muitos anos? E agora estava vivendo esta paixão sem precisar tocar para sonhar com ela.

William virou-se de frente para Katharina e beijou-a mais uma vez. Disse que a amava. Não sabia se, como antes, quando criança, ou como um amante insaciável, que era exatamente o que sentia naquele momento. Mas a amava. Ela acomodou-se melhor na poltrona e fez amor com ele como se fosse a última vez.

9

Reflexão

– O primeiro amor é a aurora encantada do coração. Acho que o meu primeiro amor foi você, Katharina. Este amor me ensinou a amar a música. Agora vejo que a procurava em todas as mulheres que tive. Esperava encontrá-la a cada concerto que dava. Intimamente, era você quem eu buscava. E te encontrei justamente como imaginara um dia. Tocando piano, este mesmo piano que me afastou de você.

William e Katharina se sentiam felizes juntos. Ela correspondia àquela paixão juvenil de William da mesma forma como se estivesse procurando por ele o tempo todo também. Esqueceram de pensar no futuro. Viveram aqueles momentos e o passado. O passado porque seguidamente lembravam-se dos dias em que viveram juntos – sua infância e na adolescência dela. O presente porque desfrutavam o que William dizia ser aquela união, a paixão entre duas pessoas que se buscavam mutuamente.

Mais tarde, William pediu a Katharina que falasse um pouco dela. De seu casamento, de seus romances e, principalmente, de seu caso com Cleyton. Ainda não entendia por que ela não lhe disse logo no primeiro encontro, quem era e por que não o procurara. Katharina sentia-se envergonhada, contava, e Cleyton havia aparecido num momento em que estava muito só, muito carente de companhia e afeto. Admirava Cleyton. Conhecia sua forte presença e todo o dinamismo que continha naquele corpo já bem vivido. Portanto, no instante exato, quando ao ouvir William tocar, sua juventude veio à tona em seus pensamentos. Lembrou-se da família que não soube manter e Cleyton sentiu que era de atenção e carinho que ela precisava naqueles instantes. Na primeira oportunidade, levou-a a ouvir William e ela entregou-se facilmente pensando no pianista que amara fazia muito tempo. Depois, voltou à realidade, sentiu que Cleyton também buscava um refúgio. Permitiu que ele se alojasse em seu coração, mas sabia que não seria um amor duradouro.

Quando ele precisou voltar para sua cidade, para sua indústria, para sua família, ela não lhe criou obstáculos que dificultassem sua decisão. Garantiu-lhe uma ajuda, se ela precisasse, e afirmou que, se um dia, ela pretendesse voltar para ele, sujeitando-se a certas condições, ele estaria à sua espera. Katharina disse que descartava esta possibilidade e não pediu nada a ele. Apenas lhe

agradeceu pelos momentos tão felizes que passara ao seu lado e tendo como fundo musical o que William interpretava. Queria paz, agora.

– Agora estou com você, William. Sinto que a felicidade transborda de dentro do meu coração. Esperei por estes momentos tanto tempo, mas nunca os imaginei tão belos. Eu não tinha motivo nenhum para continuar vivendo. Você me faz viver outra vez.

– Mas, no fundo, ainda existe uma pequena sombra, William. – continuava ela como se soubesse que sua felicidade estava com tempo marcado para acabar.

– É como se existisse um espectro que pairasse sobre esta felicidade e nele eu notasse que estes anos todos em que te aguardei foram longos demais e que a vida agora é muito curta para mim. Resta muito pouco para que eu possa compensar a espera e os dias em que vivi sem você.

Katharina sentia, na verdade, que os anos haviam passado para ela e que William ainda tinha muita juventude pela frente. Tinha certeza de que a possibilidade que existia em perdê-lo para uma mulher mais jovem era muito grande. William era um conquistador. Um amante das paixões desenfreadas que habitam nos artistas. Ele vivia intensamente cada momento seu, cada música que interpretava, cada mulher que possuía. Estes pensamentos a deixava triste. Procurava esconder essa tristeza dele, mas sabia perfeitamente que no instante seguinte ela podia passar a ser apenas mais um romance para ele, apenas mais um amor, mais uma conquista.

No dia seguinte, dia do terceiro e último concerto de William naquela cidade, ele resolveu procurar Cleyton e pedir-lhe desculpas por não ter se encontrado como combinara na noite da estreia. Não disse nada a Katharina e também não quis levá-la a encontrar-se com ele. Achou que seria embaraçoso para ambos. No fundo, William parecia querer tirar qualquer coisa do amigo, com respeito a ela e o que ainda podia sentir por ela. Assim como William era inconstante com seus amores, tinha um coração muito sensível e bom. Ele ainda não havia pensado na separação entre ele e Katharina, e logo teria que ir embora, mas queria saber, contado por outra pessoa, como tinha sido a vida dela até aqueles dias. Talvez, alguém como Cleyton fosse a pessoa certa para dizer-lhe o que ela não disse. Além disso, precisava saber se ainda existia algum sentimento por parte de Cleyton em relação a ela.

William deixou Katharina enquanto ela se preparava para ir trabalhar. Estava empregada numa agência de propaganda. Não almejava mais qualquer sucesso em sua carreira e acomodara-se com a primeira proposta que aparecera. De sua separação, o marido deixou-lhe uma pequena pensão mensal. Estava satisfeita com isso.

Logo depois que saiu, William foi até uma livraria e comprou um livro. Procurou numa lista telefônica o número do telefone da casa de Cleyton e ligou para lá. Uma moça atendeu e disse que Cleyton já saíra. Deu-lhe o número do telefone de seu escritório e desligou. Não perguntou quem queria falar com ele e também não lhe disse que era sua filha que estava atendendo. William agradeceu e ligou novamente, desta vez para o escritório de Cleyton. Encontrou-o e disse quem estava falando. Cleyton ficou contente com a surpresa e convidou William para almoçar em um restaurante com ele.

– Espero que ainda não tenha lido este romance. Eu gostei muito quando li... – disse William depois de cumprimentar o amigo e pedir-lhe desculpas pela sua falta – Naquela noite, – prosseguiu – aconteceram coisas incríveis na saída do teatro. Levei muito tempo para voltar ao hotel. Espero que me desculpe. E tua família também. Foi deselegante da minha parte. Transmita-lhes minhas desculpas. Faça mais ainda. Convido-os para minha última apresentação aqui. Vai ser hoje. Gostaria muito que fossem. Espero com isso suprir a minha falta...

– Minha filha foi ao espetáculo ontem. Outra vez...

– Ah! Sua filha foi ontem ao teatro? Então, vejo que não ficaram zangados comigo totalmente...

Rapidamente, Cleyton contou que a mulher com quem estivera nos encontros anteriores não era sua esposa, e desviou o assunto.

William e Cleyton conversaram sobre música e espetáculos. Ele não lhe falou sobre sua filha. Talvez tenha esquecido de que ela ouvia suas gravações todos os dias. Preferiu falar sobre seus negócios, que estavam melhorando, e sobre alguns investimentos nos quais William pedia-lhe conselhos. Pediram o almoço logo depois de uns aperitivos e tocaram em outros assuntos. William tentava conduzir Cleyton para o que ele mais queria conversar: Katharina.

Cleyton desviava a atenção e conseguia mudar a conversa. Veio a sobremesa, o café, e Cleyton já se preocupava com o horário. William insistiu

no convite para o concerto à noite. Ele não prometeu. Disse quealaria com a esposa primeiro, mas tinha certeza de que sua filha iria. Talvez já estivesse até com os ingressos, comentou. Finalmente, ambos saíram do restaurante.

Cleyton ofereceu uma carona para William e ele aceitou. Disse que ficaria no teatro. Alguns instantes no carro, e William não aguentou mais. Perguntou por Katia como fizera no início e não se contentou com a resposta simples que recebeu. Foi mais claro, então. Queria saber de Cleyton sobre o caso deles. Cleyton ficou um pouco em silêncio, como se procurasse uma lembrança em sua mente, ou mesmo, a vontade de dizer o verdadeiro nome dela. Em vez da resposta, perguntou por que William queria saber a respeito deles. Não ganhou uma resposta verdadeira. Ele apenas disse que havia gostado muito dela e que os achava muito felizes na ocasião. Cleyton então, já parado em frente ao teatro, contou um pouco sobre eles. O pouco que William já sabia. Apenas disse de diferente que sentia pena dela. Não antes, no momento em que a conquistou, mas depois, quando a conheceu melhor. Sentira um vazio muito grande dentro dela. Quase que esta piedade o prendeu a ela, mas percebeu que não seria justo, para ambos, manterem uma relação daquela forma. Ela compreendeu muito bem o papel que interpretara naqueles dias, completou. Ela sabia que não havia futuro.

– A vida não foi muito honesta para Katia, William. Ela é uma mulher extraordinária. Não merecia isso, quem sabe. Eu sei que ela está na cidade. Nunca me procurou nem eu a ela. Eu lhe disse que se algum dia precisar de mim... Tenho certeza de que ela foi vê-lo tocar. Ela te considera o maior pianista do mundo.

Neste instante, Cleyton sentiu vontade de dizer a William que sabia que Katharina havia sido a moça que o ajudou a estudar piano, e não a Katia que tinha sido apresentada a ele. Pensou um pouco sobre a promessa que fizera a ela de nunca contar nada a ninguém, e resolveu não quebrar esta promessa. Com isso, William ficou sem saber se ele, Cleyton, sabia disso ou não.

Cleyton despediu-se de William dizendo que era provável que iria à sua apresentação logo mais. Afirmou também que estava tentando reconquistar a mulher e que, como as músicas de William ajudavam... William sorriu e desejou-lhe sorte. Combinou com ele que se encontraria após o espetáculo, no mesmo lugar da vez anterior e que, desta vez, apareceria – garantiu. Ele sentiu que não tiraria mais nada de Cleyton. Talvez, Katharina não tivesse deixado cicatrizes, pensou. Mas William estava enganado. Cleyton ainda a amava.

No jantar, William e Katharina voltaram a sentir o encanto do amor. Pareciam dois jovens a aproveitarem todos os instantes da juventude, como se, mais tarde, chegassem os adultos e os impedissem de amar. Ele não disse nada a ela sobre seu encontro com Cleyton naquela tarde. Não precisava, pois não levaria a nada. Mais tarde, no apartamento, William começou a se preparar para o concerto. Katharina não o acompanharia desta vez.

10

Surpresa!

No mesmo lugar do dia anterior, estavam as duas moças. Elas voltaram para vê-lo tocar e William ficou contente com isso. Uma das moças o havia atraído muito e agora ele tocava para ela. Com a ausência de Katharina, pensava, naquela noite o concerto seria para a sua convidada. Tinha certeza de que falaria com ela depois do espetáculo e descobriria o mistério que parecia envolvê-la e que ajudava a aumentar sua fascinação. Não conhecera mulher tão linda, pensou.

Faltavam alguns minutos para começar o espetáculo, o mesmo funcionário do teatro que levou Cezanne e Rosemary ao balcão batia à porta e entrava em seguida com um pequeno buquê de violetas e um cartão. Entregou a Cezanne, dizendo que William Prochmann lhe mandava as flores e que aguardava um sinal da moça nos bastidores. Ele indicou com um gesto o lugar onde ela podia ver o artista antes de entrar no palco. Ela entendeu e olhou para o palco. Junto à cortina, escondido, estava William como uma criança que acabara de fazer uma peraltice e aguardava a reprimenda da mãe. O funcionário virou-se e saiu. Cezanne, que apanhara as flores, levou-as até perto do rosto, sentindo o perfume discreto, e manteve seu olhar em William. Ele esfregava as mãos uma nas outras, impaciente, e aguardava um gesto de concordância pelo convite que fazia no cartão. Ela ainda não abria o envelope. Estava emocionada. Nada mais existia em sua volta, apenas um caminho de luz muito intensa até William. Ele percebeu que ela não abria o envelope e fez um pequeno sinal travesso indicando o cartão. Ela não reagiu. Então, acompanhando muito de perto tudo o que acontecia, Rosemary lhe disse...

– O cartão, Cezanne! O cartão!

Ela pareceu acordar surpresa e deixar as estrelas. Encontrou, em uma das mãos, amassado, o pequeno envelope. Baixou as violetas no colo e abriu o envelope delicadamente.

“O primeiro concerto desta curta temporada foi para procurá-la. O segundo para conhecê-la. Este último será em homenagem à incrível beleza que irradia. Tenho que encontrar uns amigos após o espetáculo. Gostaria que me dessem a honra de acompanhar-me. Estarei neste balcão tão logo termine de tocar. - William”.

O coração de Cezanne batia descompassadamente, rápido e muito forte. Todo o teatro parecia ouvir as batidas. Sentia uma emoção muito intensa e estava trêmula. Voltou a apanhar as violetas, levantou-as até os lábios e fez um gesto leve e delicado para William demonstrando que aceitava o convite.

Ele sorriu e piscou-lhe o olho esquerdo. Depois sumiu atrás das cortinas. Quinze minutos se passaram e o pano se abriu. Os aplausos invadiram o espaço do teatro.

Nunca era demais ouvir as mesmas músicas tocadas por William. No programa, outra vez o que Cezanne ouvira dois dias seguidos. E, outra vez, o público delirava quando começava a aplaudir. As músicas foram se seguindo e o tempo passava rapidamente. Uma após outra, Cezanne sentia-se mais e mais atraída pelo pianista. Agora que havia conseguido se comunicar com ele, o que sentia ao ouvi-lo era bem diferente. Parecia acreditar que nada havia de magia ou recursos eletrônicos que traziam William para perto dela. O que acontecia é que ele estava tocando ali, bem à sua frente e só para ela. De verdade.

Ao final da última música, William foi obrigado a tocar outra vez o tema do Concerto nº 1, de Tchaikovsky. Mais aplausos e mais pedidos de bis. Ele não queria ficar muito tempo no palco. Desta vez, queria terminar logo, porém, de pé ao agradecer mais uma vez, ele olhou para o balcão e viu Cezanne aplaudindo com muita vibração e emocionada. Então, algo lhe passou pela sua cabeça e voltou-se à plateia. Fez um sinal com as mãos como se pedisse silêncio. Aos poucos, as pessoas foram parando de bater palmas e ele foi até o maestro, como de praxe, e pediu-lhe licença para tocar sozinho. Deu uns passos em direção ao piano de cauda que estava em primeiro plano no palco e, quando se fez silêncio total, ele disse, com voz segura e clara, que estava tentando compor uma peça, porém ainda não havia concluído, mas que se sentiria honrado se aquela plateia o deixasse tocar um trecho da obra. Os aplausos demonstraram que todos concordavam, ele agradeceu e sentou-se ao piano.

O silêncio voltou repentinamente a tomar conta do tempo e do espaço. William pareceu concentrar-se como se buscasse, lá no seu mais longínquo íntimo, as notas de sua música. Olhava para as teclas do piano, pedindo ajuda e esfregou as mãos. Levantou a cabeça para onde estava Cezanne e baixou o olhar outra vez para o teclado. Suas mãos foram levemente tocando as teclas brancas e pretas e uma música começou a brotar no ar. Ainda notas inseguras, como se qualquer coisa estivesse faltando para completá-las, mas a melodia que se ouvia era linda e suave. Parecia falar de amor, de beleza infinita e de muita ternura.

William continuava e, num certo instante, ele vacilou um pouco. Seus dedos foram até a parte mais aguda do piano e deixaram o teclado. A música não existia mais dali para frente. O silêncio voltou ao teatro por alguns segundos angustiosos e alguém começou a aplaudir devagar. Os outros o seguiram e, novamente, William foi ovacionado delirantemente. Desta vez, ele não agradeceu. Ficou por instantes em frente do piano, imóvel, enquanto as pessoas aplaudiam de pé. Então, levantou-se e deixou o palco rapidamente para não voltar mais naquela noite. Os aplausos foram diminuindo e muitos compreenderam o desespero do artista ao tentar encontrar-se com as notas que fariam sua obra chegar ao final, e não conseguira. Cezanne também percebeu isso e lá do fundo de seu sentimento veio uma lágrima pequenina que, ao correr por sua face, encontrou as violetas que William havia mandado.

– Boa noite. Espero não ter demorado muito. – disse ele ao entrar no balcão.

– Não, não. Nós ainda estávamos ouvindo o que você havia começado ali.

– E não terminara. – falou.

– Mas vai terminar, não? É uma música muito bonita. Você deve terminar.

– Espero que consiga... um dia.

William tinha dúvida na voz. Sabia que há tempo não compunha e que aquela fantasia que tentara tocar naquele momento o acompanhava de perto, às vezes muito clara, e depois, fugia de sua mente para muito longe, demorando-se para voltar. Ele ficava um tanto deprimido por isso, mas buscava em outras obras o seu consolo.

Ele cumprimentou Rosemary, a amiga de Cezanne, mais moça e engraçadinha, e perguntou-lhe se havia gostado do espetáculo. Ela sorriu e disse que sim. Depois, William virou-se para Cezanne e contou-lhe que combinara encontrar-se com um amigo e sua família. Havia feito eles esperarem dias antes. Queria desculpar-se agora. Assim, convidou-as para acompanhá-lo. Um pequeno e malicioso sorriso surgiu na expressão de Cezanne e foi notado por ele. Retribuiu-lhe o sorriso e disse que naquela noite não podia deixar de ir ao